

Paisagens de Belém: Aspectos da natureza amazônica retratada nas telas do pintor Antônio Diogo Parreiras (1860-1937)

ROSA MARIA LOURENÇO ARRAES

1. A Cidade

Ao norte do Brasil, o maior país da América latina, está Belém, cidade considerada antiga para a nossa recente história brasileira, lugar onde na virada do Séc. XIX, para o XX grandes transformações foram realizadas e registradas, constituindo-se hoje em excelentes fontes de pesquisa, muitas ainda por serem estudadas., Esta cidade considerada porta de entrada natural da Amazônia, a mais ampla floresta tropical do mundo, cidade de beira de rio, rodeadas por inúmeras ilhas e desenhada por grandes e pequenos rios, tipicamente tropical. Foi registrada pelas pinceladas de um dos grandes artistas brasileiros, o pintor paisagista Antônio Parreiras (1860-1937) que utilizou em sua paleta variadas cores e matizes no registro de suas pinturas sobre Belém, estas obras hoje, fazem parte da iconografia da região.

O Período que ficou conhecido como *Belle Époque*, (1870-1912) foi sem dúvida um momento muito especial para os habitantes da cidade, o coração da cidade pulsava fortemente com as transformações que ocorriam, foram tantas que fizeram de Belém uma das grandes representações do patrimônio cultural urbanístico de cidades brasileiras, conhecido como "Época da Borracha"¹. Foi um dos maiores milagres da economia Brasileira, a exploração do Látex, fabulosa matéria prima recém-descoberta e bastante desconhecida, no resto do mundo, mas com um potencial de utilidades sem limites, portanto imensamente lucrativo dado às possibilidades que o mercado internacional possuía. De repente todo o norte sofreu a alucinação da fortuna inesperada uma nova ordem econômica fora estabelecida o que possibilitou importantes fatos em nossa história regional, baseada principalmente na espetacular modernização da capital paraense.

Os "reis da borracha" como ficaram conhecidos os fazendeiros que exploravam essa matéria-prima nos seringais da Amazônia, eram pessoas abastadas que em virtude do lucro fácil e abundante, recorreram ao luxo para se refestelarem,

¹ SARGES M. de N "Belém: riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912)"2 ed. Belém-Pará Paka-tatu, 2002.

principalmente com coisa e objetos sofisticados e de difícil aquisição, são eles que mandarão vir do estrangeiro, não só os projetos de Arquitetura para construção de suas casas, mais as próprias casas, vinham completas, desde os tijolos ingleses até os lampiões belgas e as mobílias francesas. Foi um luxo esplendoroso influenciado pelas correntes artísticas européias do final do século XIX e início do XX².

Era inevitável, portanto que se implementasse um modelo eficiente para atender as novas demandas, era urgente uma modernização da capital. Entretanto, ela deveria ser acompanhada de um ar extremamente europeu, haja vista que os intercâmbios culturais intensos com a França, exigiam um estilo estético que acompanhasse as tendências européias. Este estilo ficou conhecido com o da *Belle-époque* que mais do que um estilo era considerado um estado de espírito que se manifestou em dado momento na vida de vários países, entre eles o Brasil.

Para implantar as mudanças exigidas pelas elites da época era necessário um grande administrador. Coube ao intendente Antônio José de Lemos (1898 –1911) esta tarefa, que teve como principal desafio estabelecer uma nova proposta urbanística para a cidade, proposta esta que deveria ser implementada não só na *urbe*, mas também nos hábitos e costumes da população. Uma nova Belém vai se desenhando, com uma série de modificações, que também serão representadas nas construções civis dos particulares, principalmente no estilo eclético³, que foi predominante na construção civil na virada do Séc. XIX para o XX. Era responsabilidade da intendência de Lemos as modificações relativas ao espaços públicos da cidade, tanto que ele teve que colocá-las em prática em um curto período de tempo. Muitos edifícios públicos foram erguidos para oferecerem maior conforto ao exigente público. Também foram construídos, a fim de atender as exigências da população requintada, prédios luxuosos como os cafés, as lojas de artigos importados diretamente da Europa⁴.

² Capítulo onde está ilustrado a Arte da Belle-Époque. Livro organizado pela Comissão de Artes Plásticas da Secretaria de Cultural de São Paulo. *História da Arte no Brasil. Volume II. Cap. Belle-Époque*. São Paulo, Abril Cultural 1979

³ O estilo Eclético é formado com diferentes estilos. Na arquitetura geralmente diz-se quando a fachada e de um estilo e o partido são de outros estilos

⁴ "Os navios europeus, principalmente franceses, não traziam apenas figurinos, o mobiliário, as roupas, mas também as notícias sobre peças e livros mais em voga, as escolas filosóficas predominantes, o comportamento, o lazer as estéticas e até as doenças, tudo enfim que fosse consumível por uma sociedade altamente urbanizada e sedenta de modelos de Prestigio"(SARGES,. Belém: riquezas produzindo a belle-époque, 1870-1912 p.23)

2. O Pintor que registrou a cidade de Belém

É no cenário desta cidade que, no início do século XX, surge em Belém o pintor Antônio Diogo da Silva Parreiras, convidado por Antônio Lemos para fazer uma exposição de pinturas em Belém. O intendente, além de ser o responsável pela grande transformação ocorrida na cidade, era também um mecenas das artes⁵.

Antônio Diogo da Silva Parreiras, nascido em Niterói no dia 20 de janeiro de 1860, filho de Jacintho Antônio Diogo Parreiras (famoso ourives) e de Maria Rosa da Silva Parreiras era o sétimo filho de uma família de nove irmãos. Os Parreiras constituíam uma família de destacada prosperidade burguesa, portanto Antônio Diogo da Silva Parreiras, fez seus primeiros estudos num estabelecimento de elevada qualidade, mesmo em relação as melhores opções na Corte. Por volta de 1872 os Parreiras passam a residir ao lado da casa de comércio do Português Antônio Pinto Moreira muito amigo da família, que possuía a maior cocheira funerária de Niterói, à rua São João nº 3.

Aos 23 anos de idade, finalmente Antônio Parreiras realizar o grande sonho de sua vida, estudar arte ele vende tudo o que tinha em Friburgo e se encorajasse a re começa por, matriculando-se como aluno amador em 1883, na academia Imperial das Belas Artes⁶. Finalmente está inteiramente dedicado ao seu maior sonho que é o de ser artista, mais ele tem consciência que é uma profissão inviável em termos financeiros, mesmo assim ele não desiste, e se entusiasma com o fato de poder estudar com um grande mestre, pois naquele momento é responsável pela cadeira de paisagem, flores e animais, um dos maiores pintores paisagistas, o pintor Alemão, Johan Georg Grimm (1846-1887)

Em janeiro de 1885, Parreiras de fato inicia sua vida independente como pintor profissional organizando em seu próprio Atelier na rua Santa Rosa em Niterói, uma exposição de sete paisagens de pequenas dimensões, mais já teria realizado cerca de quarenta trabalhos. Os jornais elogiam a modesta exposição. Dois meses depois é inaugurada uma nova exposição, desta vez mais significativa, na conhecida Casa de Wilde, na Rua sete de setembro nº 102, do belga Laurent De Wilde. Este era o principal

⁵ Mecenas das Artes nome do ministro de Augusto (60 a.C.-8 d.C.), era o protetor de artistas e homens de letras, diz-se hoje aos patrocinadores das artes.

⁶ Com a idéia de fundar Liceu de Artes e Ofícios, D. João VI trás ao Brasil a Missão Artística Francesa em 1816, (era composta de professores, cientistas e artistas estrangeiros que vieram com a finalidade de ensinar brasileiros) foi criada então a Escola Real das Ciências, Artes e Ofícios, essa idéia evoluiu sucessivamente para: Real Academia de Desenho, Pintura, Escultura e Arquitetura Civil depois Academia das Artes e, em 1836 Academia Imperial de Belas Artes.

ponto dos artistas profissionais no Rio de Janeiro. As críticas dos Jornais foram muito positivas, só recomendavam que Parreiras fizesse uma viagem para Europa para aprimorar mais, aquele estilo que ele estava desenvolvendo. Em junho de 1886 apresenta uma grande mostra outra vez em Niterói, na casa Insley Pacheco, onde seus quadros foram todos vendidos e os jornais se entusiasmam com o paisagismo que ele registra nos seus trabalhos.

Em 1887 começa ele a tentar obter recursos governamentais para ir para Europa, mas estes só poderiam vir, através de uma troca de interesses, e ele se recusava a obter qualquer vantagem de forma protecionista. Submete um maravilhoso trabalho seu Chamado *A Tarde* para aquisição, ele assegura os recursos necessários para ir para Europa e sua viagem finalmente é realizada. Mas antes de ir, ele ainda faz mais uma exposição que será considerada excelente pela crítica.

1º de março de 1888, Parreiras parte para Europa, vai a princípio para Gênova, segue para Roma e estabelece em julho residência em Veneza. O impacto da cultura européia, da antiga civilização tão mitificada para o jovem nascido em Niterói, se transforma em uma cruel sensação de saudades. Após algumas semanas ele encontra ânimo para se matricular na Academia de Belas Artes local, freqüentando as aulas do Lombardo, Fillipo Cárcano (1840-1910) cuja a pintura sintonizasse por aproximação com os preceitos do impressionismo. O tema de uma das suas mais famosas obras, *Camponesa colhendo feno no campo ao entardecer*, baseada totalmente no paisagismo europeu, começa a lhe aproximar dos artistas franceses da Escola de Barbizon, instauradores de um paisagismo autenticamente despojado e impressionista⁷.

Após três anos de muito estudo na Europa retorna ao Brasil e desembarca no rio, em 5 de janeiro 1890, inscreve oito trabalhos na exposição geral de belas artes daquele ano, a primeira organizada pela República, onde obtém a medalha de ouro e aquisição de algumas de suas pinturas. As pinturas são surpreendentemente modernas. As relações cromáticas denotam uma preocupação intensa com os fenômenos, sendo que elas próprias elementos de representação dinâmica das formas. Sem dúvida que este momento define o desligamento de Parreiras da ortodoxia naturalista, adquirida com seu antigo mestre Grimm há sete anos passados, é o retorno ao Brasil após a estada veneziana. Neste mesmo ano ele retorna a Europa, não como um jovem e desconhecido

⁷ Escola de pintura surgida na França por volta de 1870, que visava a captar, em princípio, a impressão visual produzida por cenas da natureza, e as variações nelas ocasionadas pela incidência da luz, e que se baseava especialmente no emprego das cores e de suas relações e contrastes, a fim de obter efeitos plasticamente dinâmicos e objetivos. [Esta escola, por suas inovações, influenciou marcadamente a pintura do séc. XX.]

estudante talentoso, mas já considerado pela crítica europeia um brilhante e importante pintor paisagista. faz mais algumas exposições e corresponde a expectativa da crítica e do público. Suas obras conquistam um grande prestígio e notoriedade. E por seu grande desempenho será convidado para voltar ao Brasil e tomar posse da cadeira de paisagem da Escola Nacional de Belas Artes, era um cargo muito importante para ele, pois as lembranças lhe remetiam ao seu antigo mestre da cadeira de paisagem, Georg Grimm.

Em 31 de março de 1890, por portaria do Ministro Benjamin Constant⁸ ele toma posse, iniciando suas aulas, e como as de Grimm elas serão sempre ministradas ao ar livre, sua pintura é baseada na observação da natureza, e de imediato implanta uma série de princípios não convencionais, que geram entusiasmo aos alunos e preocupação e inveja aos demais professores, pois ele terá o apoio sem restrições de Benjamin Constant aos seus novos métodos. Mas com o advento da república sua aventura de professor não duraria muito tempo, o meio acadêmico é ambiente fértil para o ajuste de contas entre opositores antigos e para surgimento de novas ambições, um grupo que se designava “os modernos”, postula a renovação do ensino, outro, do qual Parreiras fazia parte “os positivistas” propunham simplesmente a extinção da academia. E a imprensa abre o debate liderado por José do Patrocínio e Bento Barbosa.

Até este momento Parreiras tinha tentado se manter o mais neutro possível, até porque os métodos que ele empregava eram só seus, e bem mais evoluídos do que quaisquer outro que propunham os polêmicos novos gestores. Tinha ele também grande apreço e respeito e amizade pelos antigos mestres que estavam sendo atacados pela nova diretoria da Escola, Victor Meirelles, a quem considerava juntamente com Pedro Américo dos maiores mestres da pintura brasileira.

Ainda em novembro do mesmo ano Parreiras funda com um grupo de alunos interessados e independentes, a Escola do Ar Livre, que funciona em Niterói como instrumento de oposição ao ensino oficial. Esta época sem dúvida será a que Parreiras demonstrou mais revoltado contra o meio ambiente social, voltando-se inteiramente para a natureza. Sentindo-se totalmente livre no ano de 1891, ele realiza muitas excursões para o interior sua obra é elogiada e aclamada pela crítica paulista, o que lhe valerá um convite do Jornal o Estado de São Paulo, para que Parreiras escreva semanalmente artigos sobre Arte.

⁸ Ministro de Interior da República, transformou a Academia Imperial de Belas Artes em Academia Nacional de Belas Artes

E nesse momento de grande prestígio de sua carreira que ele é convidado a vir para o Estado do Pará, desembarca em Belém em maio de 1905, trazendo em sua bagagem algumas pinturas de gênero da exposição anterior como é o caso da “*Morte da Ovelha*” hoje pertencente ao Acervo do Museu de Arte de Belém. E uma série de novas telas, também com predominância dos assuntos de gênero. Recebido entusiasticamente em Belém pelos estudantes paraenses, que o homenageiam e logo apresenta exposição no belo prédio do Theatro da Paz. Além da venda de quase todos os trabalhos expostos recebe do governador Augusto Montenegro a encomenda para a realização daquela que seria sua composição histórica de maior formato: *A conquista do Amazonas*. Hoje pertencente ao Museu do Estado do Pará.

Mas causou grande impacto ao público que prestigiou a exposição de 1905, o fato de Parreiras após ter chegado em Belém, ter pintado várias obras que retratam Belém, como : *Entrada do Bosque Municipal, Clareira no Bosque, Av, São Gerônimo, Igreja da sé, Pça Batista Campos I e Pça Batista Campos II, Largo da Pólvora e Pça da República*. Essas obras foram todas adquiridas pelo Intendente Antônio Lemos, em 1905, pertencem hoje Museu de Arte de Belém e reúnem um dos conjuntos de pintura dos mais significativos sobre uma cidade, pois as mesmas foram realizadas por um dos pintores paisagista mais aclamados pela crítica da Arte Brasileira, cujo o tema da natureza ele tinha grande domínio. Também é fato que Parreiras realizava sempre seus trabalhos ao ar livre interpretando a natureza, voltado acima de tudo à observação, especialmente à percepção de formas, cores, texturas e luz. Estava entusiasmado com a viagem para o Pará e registrou com sua paleta a paisagem da cidade de Belém. Ele suprime de vez a figura humana de seus planos da frente. A figura confunde-se agora com a textura da vegetação.

3. A Pintura de Paisagem

O Gênero da Paisagem na pintura pode parecer, aos espectadores de hoje, bastante corriqueiro, ou seja, uma forma de pintar bastante simples sem grandes surpresas, principalmente ao público moderno tão habituado as imagens virtuais. Para muito elas não passam de iconografias sentimentais, sem nenhuma outra significação. No entanto não foi sempre assim. Até pouco mais de dois séculos atrás a contemplação da paisagem e suas mais diversas expressões eram esperadas como um grande marco de transformação na pintura, na poesia e na arquitetura .

Um dos vieses mais importantes com a arte da paisagem foi certamente à conhecida ciência moderna. A procura por representações das paisagens foi quase

obsessiva. As formas concretas como aconteceu estão diretamente ligadas a vários fatores acontecidos a partir de meados do século XVIII, entre os quais o desenvolvimento cultural e material europeu, que surgiram nas cidades com maior potencial econômico como Londres e Paris.

A constatação de fenômenos e fatos, de inspiração baconiana⁹, implicou uma nova atitude frente ao mundo que repercutiu também na produção artística. O mundo toma uma nova postura diante o progresso da ciência, mais necessidades de espaços, utilização intensa de recursos naturais, formam uma nova atitude diante a natureza e esta percepção influencia circunstancialmente o mundo físico e a forma de representação do mesmo.

Por volta de meados do século XIX, a arte da paisagem começou a mudar de rumo foi perdendo seu apelo romântico, ou seja a paisagem foi deixando de ser um apelo sentimental, baseado na introspecção melancólica do mundo, passando a ser um gênero artístico que se baseava principalmente na observação da natureza, especialmente na elaboração das formas, cores, texturas e luz, um caminho que acabou por conduzir ao impressionismo.

O paisagismo no Brasil surge no final do século XIX, ocasionado principalmente pelo intercâmbio de artistas brasileiros que recebiam bolsas para suas viagens de aperfeiçoamento, este e um dos fatores considerados de maior influência quando analisamos na difusão do gosto pela paisagem da Europa para o Brasil.



Em “Clareira no Bosque” pintura que faz parte da Coleção de Arte do Museu de Arte de Belém, o pintor se declara totalmente envolvido pela paisagem natural ao ponto que ele uprime de vez a figura humana desta sua obra e pinta apenas a floresta, uma floresta densa onde são

retratadas uma variedade muito grande de espécies de vegetação amazônica, compondo a pintura de uma verticalidade que nos leva a entender cada vez mais a dimensão que ele observava para pintar a natureza, revela em suas paisagens a monumentalidade da mata,

⁹ relativo ao pensamento de FRANCISCO BACON O iniciador do empirismo (o empirismo é substancialmente fenomenista, como o racionalismo, o conhecimento é reduzido não à razão, e sim aos sentidos; estes sentidos, porém, nos proporcionariam não a realidade, mas os fenômenos, as aparências subjetivas das coisas) quando afirma e enaltece a experiência e o método indutivo, a ponto de a razão e a transcendência acabarem por desaparecer na sombra, ainda que, praticamente, continue ele afirmando-as. Nasceu em Londres em 1561. Subiu ao mais altos da níveis políticos no reinado de Isabel , e faleceu em 1626.

reservando para as árvores uma escala surpreendente, como se as mesmas tivessem a capacidade de serem infinitas, tanto na profundidade da tela quanto na altura, dando um tratamento colorista muito próprio de suas paisagens,

Arte e Natureza foram sempre, ao longo da História da Arte, um estímulo para a criação artística e para a expressão de uma relação própria dos artistas com o mundo em que vivem. Essa relação será muitas vezes de confronto, outras vezes toma o lugar da representação, do diálogo e da busca de correspondências onde pode ficar estabelecido que a arte não é um reflexo do real, mas um processo criativo de imagens, sons e movimento no qual participam o mundo dos sentimentos e pensamentos do criador e o contexto sócio cultural a que este pertence.

As obras de Parreiras que registram a cidade de Belém oferecem aos espectadores não somente um sentimento especial da floresta tropical urbana, mas também algo deles mesmos: o seu contexto. Nesse tipo de pintura, a tela torna-se um registro da sociedade, refletindo o ambiente mais do que simplesmente retratando-o, mas também configurando a obra de arte como uma criação permanente onde a mensagem estética contida nela não possui uma significação unívoca, isto é, nunca pode ter para os receptores um só significado.

Parreiras ao pintar suas telas em Belém, afasta-se completamente do Realismo¹⁰. Os pintores realistas têm a ambição de representar a natureza tal qual ela é, tal qual ela existe. Isto se justificava em um momento em que se vivia o positivismo. Mas o momento vivido era outro e ele como pintor sensível desenvolveu uma abordagem da paisagem que se apresenta como a de maior comunhão com a natureza, se comparada àquela até então praticada na arte brasileira.

4. Conclusão.

Como confundir arte e natureza, se a arte começa precisamente na transformação que o homem faz do natural em não natural. Aceitar esta transformação radical como forçoso ponto de partida, compreender como os elementos naturais são utilizáveis num sentido diferente do que tinham na natureza, transfiguráveis a ponto de criarem um mundo próprio que permanece no mundo, sentir que a madeira da estátua já não é a madeira da árvore: eis um passo essencial no caminho da aproximação da arte. Passo, no entanto, curto e certamente pouco útil se não pudéssemos compreender simultaneamente que tudo isto implica o nascimento de uma realidade, uma verdadeira recriação da realidade.

¹⁰ Corrente estética, utilizou-se de várias linguagens das artes entre elas as Artes Plásticas, cujas característica é a fidelidade no registro da representação.